



FMI preocupado e países devedores com a relação entre bancos

O Fundo Monetário Internacional, presidido por Michel Camdessus, anunciou ontem que os bancos comerciais e os países mais endividados parecem haver desenvolvido "uma relação de adversários" que pressagia "um obscuro quadro" nos próximos anos. Em informe aos comitês assessores do FMI e do Banco Mundial, presidido por Barber Conable, afirma que a nova relação terá "consequências adversas" para o Brasil, Chile, Peru, México, Equador, Bolívia, Uruguai, Colômbia, Venezuela e Argentina. Esses são dez dos 15 países que figuravam no plano do secretário do Tesouro dos Estados Unidos, James Baker, para atingir uma pronta normalização de seus problemas econômicos.

O informe de 43 páginas afirma que "se detecta agora uma pior relação entre a dívida e as possibilidades de pagamento" nos 15 países e que, além disso, não foram reativados os investimentos. E conclui que, "em termos simples, os bancos parecem menos dispostos a emprestar dinheiro aos países que não dão sinais de reassumir em curto prazo o pagamento normal dos juros".

Enquanto isso, os titulares de Finanças das sete potências industrializadas concordavam à noite em estabilizar a cotação de suas divisas a seu nível atual, o que reconhece uma desvalorização de fato do dólar em relação ao iene, afirma um comunicado do Grupo dos Sete (Estados Unidos, Alemanha Ocidental, Canadá, França, Grã-Bretanha, Itália e Japão).

O Grupo dos 24

Os países em desenvolvimento destacaram ontem às reuniões dos comitês assessores do Banco Mundial e do Fundo Monetário Internacional que a crise econômica internacional, "longe de atenuar-se", está-se "intensificando". Os 24 ministros que representam os 130 países menos desenvolvidos fizeram essa manifestação em um comunicado que resumiu as conclusões a que se chegou durante três dias de discussões sobre a situação. O documento será apresentado hoje às potências industrializadas em meio da impressão generalizada nos comitês assessores de que a reunião semestral do FMI e do Bird caminha para o fracasso.

"A realidade é que quase todos os líderes mundiais enfrentam eleições nos próximos 18 meses, o que torna muito difícil a adoção de decisões globais audazes que os países em desenvolvimento pedem", disseram fontes da conferência. Acrescentaram que, além disso, esses líderes têm uma precária base interna para "dar passos que movem a vontade coletiva do mundo industrial para aliviar a crise".

O Grupo dos 24, integrado pelo Brasil, insistiu porém em que "há uma urgente necessidade de adotar uma nova estratégia de desenvolvimento, orientada a derrubar as causas estruturais da crise atual, e recobrar um crescimento estável a longo prazo, socialmente equitativo e compatível com as obrigações externas".

Os países em desenvolvimento pedem "o pronto e completo desmantelamento de múltiplas formas de proteção, em sua maioria barreiras alfandegárias estabelecidas pela maioria dos países industrializados e o restabelecimento das regras de liberdade comercial acordadas nas sucessivas negociações do Acordo Geral sobre Comércio e Tarifas Alfandegárias (Gatt)".

O Grupo dos 24 expressa também "grave preocupação pela abrupta queda do fluxo dos recursos para as nações em desenvolvimento, incluídas as transferências de organismos multilaterais, precisamente em momentos em que as necessidades de investimento e os ajustes orientados para o crescimento aumentaram".

Contudo, os delegados japoneses mostraram pouca disposição em suas conversações privadas para modificar a impressão do restante do mundo de que estejam mais dispostos a aceitar um aumento das importações dos países industrializados ou dos em desenvolvimento, e os da Alemanha Ocidental não abandonaram sua resistência à expansão, na qual vêem os germes da inflação.

Fontes da conferência disseram que "a crua realidade é que os 24 fizeram uma exposição repetitiva e os países industrializados responderão com sua predizível indiferença; as condições não são as mais auspiciosas para a mudança".